

Libertador, ou o estranhamento de nós mesmos

Luiz Guilherme Veppo

Libertador é uma coprodução que envolveu na sua realização quatro países (Venezuela, Espanha, Estados Unidos e Alemanha) e gerou o filme mais caro da história do cinema latino-americano. Segundo a reportagem do jornal “El País” da Espanha, o filme custou 50 milhões de dólares - cifra bastante distanciada da realidade do cinema em *nuestra América*. Considero ser importante começar por aqui, porque a pujança e a grandiosidade é talvez uma das mais fortes marcas do filme de 119 minutos dirigido por Alberto Arvelo. Este orçamento tão expressivo se reflete em uma produção que não fica devendo em nada ao cinema hollywoodiano: estão presentes à todo instante locações deslumbrantes (radicadas em sete países); o elenco é composto por uma safra de atores *latinos* que encontram certa colocação no cinema estadunidense (por exemplo, o protagonista e produtor, Edgar Ramirez, talvez tenha um rosto familiar para alguns, já que fez filmes como: “O ultimato Bourne”, “Fúria de Titãs 2” e outras coisas do tipo); assim como a reconstituição da época por meio dos figurinos faustuosos. Enfim, o filme possui uma estética muito palatável, bastante próxima do cinema que hodiernamente tem a maior colocação no mercado.

Também me parece importante pontuar que esta produção não é um raio num dia de céu azul. *Libertador* é mais um dos filmes que recentemente vem sendo produzidos na América do Sul com o intuito de colocar em evidência o passado do Continente, através da trajetória de alguns de seus insígnies personagens. Os quase incógnitos no Brasil, Artigas (mítica liderança da luta de independência uruguaia), San Martín (herói da libertação Argentina e partícipe do processo peruano e chileno) e José Martí (personagem fundamental da luta de libertação cubana) já ganharam as suas cinebiografias e a mesma produtora responsável por estas, realizará ao todo, oito filmes sobre os “heróis da libertação” da América. O representante do Brasil será o também mitológico Tiradentes.

Contudo, estas outras cinebiografias possuem orçamentos muito mais modestos que *Libertador*. Para se ter uma ideia da disparidade entre os filmes que fazem parte do Projeto Libertadores e *Libertador*, um único dado é suficiente: a cinebiografia de Tiradentes, segundo a reportagem de “O Globo” de 25/03/2011, terá como teto para o seu orçamento três milhões

de reais. Seguramente, *Libertador* possui um orçamento 20 vezes maior do que os demais filmes que compõem a “série Libertadores” - entre eles incluo também o filme sobre Bolívar que compõe o projeto Libertadores, que é muito mais modesto que o filme de Alberto Arvelo.

O que me deixa com a pulga atrás da orelha para saber como foi possível a realização deste filme. Uma questão pelo menos me deixou muito curioso: existe alguma relação entre *Libertador* e o governo venezuelano? E, se existe, qual é? Cabe ponderar que o questionamento não é reflexo de mera curiosidade, mas uma inquietação gerada pelos ocorridos do ano de 2013. Tendo em vista que este ano é crucial para o bolivarianismo, pois é nele que a Venezuela mergulha em uma profunda instabilidade econômica e numa conjuntura de ebulição política com a morte de Hugo Chavez em março. Portanto, tendo em vista a dimensão da crise econômica, como é possível produzir um filme de 50 milhões de dólares em um país em que o dólar está desde então extremamente supervalorizado? Esta é uma pergunta que, por ora, infelizmente não tenho como responder, já que demandaria uma pesquisa muito mais aprofundada do que a que realizei. Embora me pareça bastante razoável supor que os chavistas (que se reivindicam bolivarianistas, é bom pontuar) tenham buscado, neste momento de polarização da luta política, lutar com todas as armas; e um filme como este, na minha modesta opinião, é uma baita arma para a luta ideológica.

Conjecturas à parte, agora gostaria de entrar no filme de fato e pincelar alguns elementos do enredo que me parecem significativos. Está muito além das possibilidades desta resenha entrar numa discussão mais profunda sobre as possíveis incoerências historiográficas da película. A trajetória de Simón Bolívar (1783-1830) foi retratada de diversas formas ao longo dos dois últimos séculos e a consciência da magnitude do debate sobre a vida do “Libertador” não me permite, com o pouco que conheço sobre a sua história, defender qualquer posição mais incisivamente. Acredito que sejam boas demonstrações do quão heterogêneo é o legado e as perspectivas sobre a trajetória de Bolívar: as dezenas de estátuas de Simón espalhadas por toda a América do Sul (o que caracteriza a apropriação que as elites liberais fizeram da sua figura para a construção das tradições nacionais); a atual reivindicação do bolivarianismo na Venezuela (apropriação mais progressista, mais próxima de um social democratismo); além da perspectiva extremamente crítica desenvolvida por Marx, no verbete dedicado ao ilustre venezuelano, escrito em 1858 para a *New American Cyclopedia*. Estes poucos exemplos, ao meu ver, ilustram bem o quão espinhoso é o debate dentro da historiografia, assim como é altamente plural a sua apropriação política posterior, de modo que procurarei me concentrar nos elementos menos polêmicos do filme.

O Bolívar do filme está claramente próximo do que me arriscarei a chamar de apropriação bolivariana. Embora seja um personagem um pouco complexo - é perpassado em alguns momentos por dilemas que tem claramente o objetivo evidenciar que ele era de carne e osso -, Bolívar é durante todo o filme sinônimo de grandeza, visionarismo, intrepidez; valor, fibra moral etc. etc.; enfim, um clássico herói!

Contudo, Simón não é retratado como um sujeito para além do seu tempo. O desenrolar da sua trajetória através da interação com alguns personagens mobilizados pelo diretor são fundamentais para a sua evolução enquanto sujeito histórico, pois suas influências sobre “o libertador” são determinantes para a trama. A primeira personagem a aparecer com destaque no filme é a escrava Hipólita, que assume o papel de mãe do garotinho Simón, quando ele ainda em tenra infância se torna órfão. Eu não encontrei nenhuma referência à Hipólita para atestar a sua historicidade, mas a opção do diretor por envolvê-la na história, ao meu ver tem a clara intenção de humanizar Bolívar e mostrar o quão avançado ele era para o seu tempo. É importante não perder de vista que no início do século XIX a escravidão ainda imperava em praticamente todo o continente americano, salvo no Haiti e norte dos EUA.

Outro personagem importante e que talvez cumpra o pior papel para o filme é o da primeira esposa de Bolívar, Maria Teresa, interpretada pela também hollywoodiana Maria Valverde. O diretor Alberto Arvelo atribuiu à pequena participação desta personagem um papel de suma importância para a trama. Pois, é com a sua precoce morte que Bolívar (até aí nada além de um aristocrata *bon vivant*) passa a se envolver visceralmente com a luta de independência da Coroa espanhola. Nesta passagem está fortemente presente a ideia de que é por não ter mais nada que o sustente no mundo depois da perda do seu grande amor que Simón se torna “El Libertador”. O enfoque dado à esta desilusão amorosa é extremamente piegas e prescindível para o desenvolvimento da história. Além do tratamento dado ao romance me parecer uma tentativa de tornar o filme mais apetecível ao grande público, a forma como é tratada a superação do luto pelo protagonista reforça algumas ideias muito comuns entre os setores mais conservadores e reacionários da sociedade de que são apenas os aventureiros e desesperados que se envolvem com a luta social. Li alguns textos sobre *El Libertador* para produzir esta resenha. Entre os autores que li, o único que menciona Maria Teresa é Marx e mesmo assim a referência é extremamente pontual; não existe qualquer relação entre a precoce morte de Maria Teresa e o futuro de Bolívar como lutador social. Como já disse anteriormente, não sou especialista no assunto, mas penso que o enredo não teria qualquer prejuízo se o filme tivesse ficado sem isso.

A película também sofre de alguns anacronismos, que ao que me parece poderiam ser justificados pela razoável hipótese de que os realizadores tinham o interesse de influenciar a conjuntura sociopolítica da Venezuela. Estes anacronismos aparecem em alguns diálogos que fogem bastante das discussões próprias ao século XIX, assim como transparecem em algumas locações (como as cenas rodadas às margens de alguns rios que apenas conservam suas matas ciliares; algo impensável para o século XIX!) e, na minha modesta opinião, principalmente com o personagem do professor. O *Maestro Rodriguez* (este sim aparece na bibliografia que consultei como uma importante referência para Bolívar) é no filme a materialização das influências progressistas sobre o protagonista. Sua relação com o enredo viabiliza os diálogos mais profundos, que procuram evidenciar o legado progressista e libertário de Bolívar. No entanto, pelo pouco que conheço sobre a teoria política do início do século XIX, me parece que as teses e os diálogos desenvolvidos por meio deste personagem estão um pouco descolados da realidade do período; embora sejam debates bastante instigantes para os dias de hoje.

Também enredado no anacronismo (apesar de em menor medida) está o personagem interpretado por Danny Huston, Martin Torkington, que personifica a influência do capital inglês na evolução do processo político na América do Sul, num momento em que a influência espanhola no Continente começa a declinar. Este personagem também é de extrema importância para a trama e a sua participação está diretamente ligada à leitura que o diretor faz dos limites colocados para a realização dos desígnios de Bolívar. Na minha opinião, chega a ser possível afirmar que o diretor atribui o desenlace trágico da história de Bolívar à sua ruptura com Torkington, pois não é à toa esta é uma das últimas cenas do filme. É interessante notar que Martin está presente durante todo o filme - mesmo quando não está em cena - como uma espécie de espectro que protege e auxilia Bolívar.

Quanto aos últimos dias de Bolívar, mais uma vez, diferentes teses dividem a historiografia. A História Oficial afirma que Simón teria falecido em decorrência de uma tuberculose que o acompanhara durante seus últimos anos. Os diretores, como o próprio Hugo Chavez, defendem a tese de que Bolívar teria sido assassinado em uma conspiração realizada pelas elites criollas, que viam no “Libertador” uma ameaça à conservação dos seus privilégios. Falei diretamente de Chavez neste ponto, porque no ano 2010 os restos mortais de Bolívar chegaram a ser exumados, numa tentativa do Estado venezuelano de pôr um fim à esta polêmica. A exumação, para a infelicidade de Chavez, não foi conclusiva e manteve o campo aberto para as duas possibilidades. Independentemente disto, Chavez morreu em 2013

defendendo a tese de que a sua grande inspiração havia sido vítima da sanha arrivista dos seus opositores.

Libertador com certeza não é a melhor cinebiografia já produzida. É um filme latino americano adaptado à linguagem e a lógica do cinema hollywoodiano (embora com uma história bem mais interessante do que a grande maioria explorada na atualidade pelas produções estadunidenses). Evidencia o que já é sabido há muito tempo: o cinema da América Latina não deixa nada a desejar frente ao cinema dos EUA e quando tem os recursos necessários consegue fazer filmes tão palatáveis quanto os maiores *block boster's* da atualidade.

Libertador, embora não seja um primor, nem de longe pode ser tido como um filme vazio; o contraponto com os enlatados hollywoodianos chega a ser um pouco maldoso da minha parte. O filme tem passagens de grande sensibilidade e muito tocantes, como as passagens que retratam a formação do Exército Republicano; assim como a cena em que Bolívar disputa o coração dos soldados com o General Santander, que queria impedir que suas tropas atravessassem a fronteira.

Infelizmente, a obra não está acessível ao grande público, foi exibida em poucas salas de cinema do Brasil e jamais passará numa “Tela Quente”, ou em qualquer programa de cinema dos grandes canais de TV - antes das 3 da matina. Pois explicita a importância da luta diuturna contra os opressores, assim como mostra que, se hoje vivemos uma realidade de ampliação de direitos em comparação com o século XIX é porque trajetórias como a de Bolívar constituem o passado do nosso Continente. Portanto, este contraponto histórico, torna clarividente a necessidade de novas lutas para podemos continuar a avançar em direção à um mundo melhor.

Concluo dizendo que *Libertador* é uma ótima indicação para os que acreditam que o conhecimento histórico é uma importante ferramenta de luta e se interessam por começar a debater e a desvendar a riquíssima História deste continente que ainda se conhece muito pouco. A dificuldade de falar sobre figuras como Bolívar, dimensiona o desconhecimento da nossa história e evidencia o quão necessário são filmes como este.